

Vida
Os erros na
cozinha que
podem ameaçar
a sua saúde *Pág. 34*

A GAZETA

www.gazetaonline.com.br

VITÓRIA, SÁBADO 11 DE SETEMBRO DE 2017 ENCERRADA ÀS 18h R\$ 2,00

ESTADO SÓ DEVE SE RECUPERAR DA SECA EM 2019

Agricultura do Espírito Santo vive o segundo pior momento da história. Mesmo que volte a chover no interior, a produção capixaba pode demorar mais de dois anos para retornar ao normal *Págs. 3 a 7*

3,6
bilhões de reais
É quanto os produtores rurais do Estado amargam de prejuízo após dois anos de seca. Carne, leite e hortaliças vão ficar mais caros.

“Você planta mandioca e milho, mas não nasce nada. A terra está seca. A água sumiu”

— **MADALENA CARDOSO**, produtora rural (foto ao lado). Aos 73 anos, ela chega a andar mais de quatro horas, em Conceição da Barra, para achar uma área menos seca para plantar



MARCELO PREST

<p>Caderno Motor UNO 2017 GANHA NOVO MOTOR E DÁ SALTO DE QUALIDADE</p> 	<p>ELEIÇÃO EM VITÓRIA Hartung: “Convivo bem com Amaro e muito bem com Lelo” <i>Pág. 16</i></p>	<p>FICOU PARA 2017 EMESCAM DESISTE DE ADERIR AO ENEM NO VESTIBULAR DESTE ANO <i>Pág. 9</i></p>	<p>NOVO LIMITE Governo pode liberar uso do FGTS em imóveis de até R\$ 1 milhão <i>Pág. 26</i></p>
--	--	--	---

<p>VICTOR HUGO Debates a partir de segunda na CBN <i>Pág. 8</i></p> 	<p>PRAÇA OITO Momento duro para o PT no Estado <i>Pág. 21</i></p> 	<p>MÍRIAM LEITÃO Os sinais de estabilização estão chegando <i>Pág. 31</i></p> 	<p>MERVAL PEREIRA Decisão sobre Lula em até 10 dias <i>Pág. 24</i></p> 	<p>JOSÉ CARLOS CORRÊA Novos e saudáveis ventos soprando sobre o país? <i>Pág. 15</i></p> 
--	--	--	---	---

SECA NO ES

MARCELO PREST

SEM ÁGUA

Madalena sai de cavalo de casa e chega a andar 4 horas até achar uma faixa de terra boa para plantar: "A água sumiu".

"Você planta mandioca e milho, mas não nasce nada. A terra está seca; a água, impossível de achar"

MADALENA CARDOSO, de Conceição da Barra



AGRICULTURA SÓ DEVE SE RECUPERAR EM 2019

É a previsão para a produção voltar ao normal apenas se chover

✎ **IARA DINIZ**
idiniz@redgazeta.com.br

Depois de passar pela erradicação do café, na década de 60, que somou enormes prejuízos para o Estado, a agricultura do Espírito Santo vive o segundo pior momento da sua história. Em um cenário de dois anos de seca, os produtores rurais já amargam um prejuízo de R\$ 3,6 bilhões. A previsão é que a produção volte ao normal apenas em 2019, isso, se chover.

A falta de chuvas, que já castigou a agricultura em 2015, trouxe ainda mais prejuízos este ano. Na região onde Madalena Cardoso, de 73 anos, mora, conhecida como Sapê do Norte, em Conceição da Barra, no extremo Norte do Estado, a pouca água que sobrou nos rios foi represada para irrigar plantações de cana e de eucalipto.

Dessa forma, os pequenos agricultores não encontram água nos córregos e rios para irrigar a plantação. Isso tornou improduti-

vo o pequeno pedaço de terra de Madalena – cerca de 1 hectare. "Você planta mandioca e milho, mas não nasce nada, a terra está seca", lamenta.

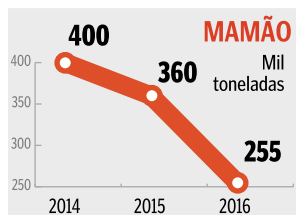
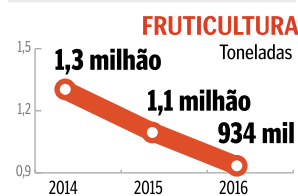
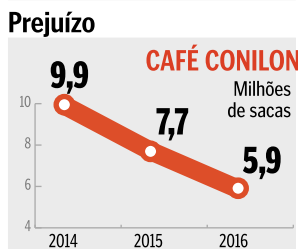
Madalena mora em uma das 32 comunidades quilombolas da região. No Sapê, boa parte das famílias não têm água potável em casa e, para não passar sede, precisam peregrinar em busca de córregos distantes que não estão secos.

De acordo com dados da Secretaria Estadual de Agricultura, os produtores rurais, como dona Madalena, deixaram de ganhar R\$ 3,6 bilhões em 2015 e 2016. O valor corresponde a duas vezes a arrecadação da Prefeitura de Vitória e três vezes a da Serra.

CAFEICULTURA

O principal expoente do prejuízo é o café. Nos últimos dois anos foram produzidas 1,9 milhão de toneladas a menos. Neste mesmo período, o café conilon, presente na maioria das pro-

AS PERDAS



Obs.: Em 2016, dados até agosto
Fonte: Seag Infografia | Genildo

priedades rurais capixabas, perdeu 4 milhões de sacas.

O cenário só não é pior porque houve aumento de produção do café do tipo arábica, praticado na Região Serrana do Estado. Foram 3,5 milhões de sacas a mais produzidas em 2016. "A crise hídrica está muito concentrada no Norte, Noroeste e Sul, onde mais se produz café no Estado, que neste momento é onde mais sofre", destacou o secretário de Agricultura, Octaciano Neto.

A produção de leite e de frutas também teve perdas significativas. Foram menos 10 milhões de litros de leite produzidos este ano, em relação a 2015, cerca de 86 mil litros por dia. Na fruticultura, foram produzidas 366 mil toneladas a menos em 2016, se comparado a 2014. O destaque é para o mamão, que sofreu uma queda de 56% na produção.

PREVISÃO

O cenário pode melhorar caso as chuvas se nor-

PREJUÍZO



"O prejuízo é enorme. Serão três anos de sofrimento e preocupação para o produtor rural"

OCTACIANO NETO
SECRETÁRIO

malizem, mas levará pelo menos três anos para que a produção volte ao mesmo patamar deixado em 2014. "Temos várias lavouras de ciclo longo que necessitam de longos períodos de chuva. Vamos precisar plantar mais capim, criar gados, porque

muitos morreram e não temos bezerros no mercado. Teremos três anos de sofrimento e preocupação para o produtor rural", destacou Octaciano.

A agricultura representa 7% da economia no Estado, mas se basearmos no mercado que ela movimenta, o impacto é de aproximadamente 25%. Um número bem significativo para o produtor rural.

"Hoje, o Espírito Santo não sofre tanto com a perda quanto sofreu na década de 60, porque não é tão dependente do café. Quem acaba sofrendo são os pequenos produtores, por isso a importância de darmos suporte neste momento", ressaltou o secretário.

O Estado tem trabalhado com três frentes de atuação: reflorestamento, construção de barragens e Política Nacional de Recursos Hídricos. As medidas trarão resultados somente a longo prazo, mas são importantes para prevenir futuras secas.

SECA NO ES

RICARDO MEDEIROS

CARNE E LEITE VÃO FICAR MAIS CAROS

Outros alimentos como café e tomate também custarão mais

▄ IARA DINIZ
idiniz@redgazeta.com.br

Por causa da crise hídrica, o preço de alimentos como carne, leite, café, folhas e tomate devem continuar aumentando.

A inflação de alimentos é superior a todos os outros índices que temos no Brasil. No Espírito Santo, produtos de lavouras com ciclo curto tendem a subir. “O consumidor precisa buscar diversificar as compras e substituir os produtos, migrando de uma carne para outra, optando por hortaliças da estação”, destaca o secretário de Agricultura, Octaciano Neto.

Apesar do aumento dos preços pesar no bolso do

consumidor, ele acaba favorecendo os pequenos produtos. “Poderíamos estar enfrentando uma tempestade perfeita, que é quando ocorre a queda absurda da produção e dos preços. Apesar do saldo ainda ser negativo, o aumento dos preços minimiza um pouco os impactos”, explica Octaciano.

RENEGOCIAÇÃO

Quem mais sofre com a queda da produção são os pequenos agricultores, que têm a plantação como única fonte de renda.

Na tentativa de minimizar os efeitos desse quadro, o Estado pretende atuar na renegociação de dívidas, pressionando o

governo federal. Na última quarta-feira, o Conselho Monetário aprovou uma resolução que contempla o Espírito Santo como um dos Estados beneficiados pela renegociação. Porém, algumas restrições vêm sendo colocadas e impediriam que todos os capixabas fossem beneficiados.

“Não há políticas públicas que resolvam o problema de todos os produtores, mas a curto prazo, a renegociação é a melhor opção. Se o produtor puder pegar dinheiro este ano para investir e deixar a dívida para pagar no próximo ano, o sofrimento dele diminui um pouco”, disse o secretário.



Café em baixa

O produtor rural Paulo Afonso, de Colatina, possui 96 mil pés de café. Ele esperava colher 2.500 sacas, mas por causa da seca conseguiu colher apenas 300.

“O pessoal da cidade não sabe o que é seca, só quando ficou sem água por causa da lama. Vai ser um ano difícil para o município de Colatina”

— PAULO AFONSO MARTINELLI PRODUTOR RURAL

Racionamento já começou em Alegre, no Caparaó

▄ Os moradores de Alegre, na região do Caparaó, já começaram a conviver com o racionamento de água ontem. A vazão do Córrego Jerusalém, que abastece a cidade,

caiu cerca de 40%. Não há previsão de normalização. De acordo com o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae), o reservatório tem a capacidade de vazão de 100 litros/se-

gundo, mas trabalhava com 70. Hoje trabalha com 42 litros/segundo, 40% a menos que o normal. A cidade foi dividida em duas partes para ser abastecida em dias alternados.

Nível do Rio Doce em Colatina some com a estiagem

REPRODUÇÃO TV GAZETA/HERIKLIS DOUGLAS

▄ O nível do Rio Doce em Colatina, no Noroeste do Estado, está tão baixo que não é mais possível medir pela régua da Agência Nacional das Águas (ANA). Com o volume baixo e a vazão de água diminuindo, a captação fica comprometida e a cidade pode passar por racionamento de água.

“Já estamos elaborando um plano de ação para essa questão de racionamento porque realmente está chegando um ponto de dificuldade de captar. O rio está muito baixo e a



Bancos de areia estão cada vez maiores e ocupam hoje boa parte do Rio Doce

vazão também está muito baixa”, afirma o diretor operacional do Sanear, Antônio Demoner.

Os bancos de areia estão cada vez maiores e hoje ocupam boa parte da extensão do rio. Para garantir a captação de água os canais precisam ser feitos no meio dos bancos de areia para levar água até as bombas de captação flutuantes. “O lado Norte está ficando difícil porque está muito assoreado”, diz.

A população fica preocupada ao ver o rio e pre-

cisa economizar ainda mais. “Quando a gente vinha na rua isso era cheio e agora a gente desanima de ver o rio tão seco”, comenta a agricultora Verônica Menezes.

PREOCUPAÇÃO

Segundo o diretor operacional do Sanear, a população precisa economizar. “Hoje gasta-se uma média de 200 litros por pessoa, estamos pensando em 120 litros por pessoa”, finaliza. (Com informações de Raquel Lopes e Mayara Mello)

SECA NO ES

MARCELO PREST - 08/10/2015



A seca, que torna o solo improdutivo, prejudica a economia de municípios. Agricultores não conseguem água para irrigar as plantas e acumulam dívidas

BANCOS VÃO RENEGOCIAR DÍVIDA E AMPLIAR CRÉDITO

Instituições socorrerão produtores rurais inadimplentes

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

O Espírito Santo tem convivido paralelamente com duas crises. Uma é a aguda recessão econômica nacional, que destrói os empregos e corrói a renda dos brasileiros. A outra, talvez mais grave do ponto de vista local, é a crise da seca. Somente na cafeicultura, principal atividade do agronegócio do Estado, as perdas nos últimos três anos já ultrapassam R\$ 5 bilhões.

Outras culturas, como a pimenta-do-reino e o mamão, também tiveram queda média de mais de 50% na produção.

Sem ter como irrigar as lavouras e com a produção comprometida, o dinheiro não circula, principalmente nas pequenas cidades. O comerciante não vende, o governo passa a arrecadar menos impostos e, para piorar, o produtor rural não

GRAVIDADE

“Estamos conscientes da gravidade do momento econômico, principalmente no meio rural”

BENTO VENTURIM
PRESIDENTE DO SICOOB

consegue arcar com suas dívidas e financiamentos. No Espírito Santo, existem R\$ 8 bilhões aplicados na carteira de crédito agrícola, sendo que R\$ 1,7 bilhão vencem este ano.

Responsável por 86% do crédito rural do Estado, o Banco do Brasil calcula que vai precisar renegociar a dívida de 25 mil famílias que tiveram prejuízos por causa da seca. O volume de negociação pode atingir 28 mil operações de crédito, que totalizarão R\$ 1 bilhão. Pa-

ra acomodar as dívidas, o banco criou uma resolução interna para oferecer condições especiais e dar prazo de até 5 anos para o produtor rural que perdeu a safra. Dívidas do café que venceriam neste ano foram remanejadas para 2018.

Outra instituição financeira com grande penetração no interior capixaba, o Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes) pretende viabilizar a renegociação da dívida para outras 5 mil famílias. Elas serão beneficiadas por uma resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN), aprovada na última quarta-feira (14), que autoriza bancos públicos e privados a fazerem esse tipo de transação.

Essa mesma resolução deve ajudar ainda outras 13 mil famílias, clientes do Sicoob ES, que têm parcelas vencidas ou a vencer em

RENEGOCIAÇÃO

43.000

famílias

É o total de famílias que devem ter dívidas renegociadas por três bancos.

2016. “Temos de custeio R\$ 336 milhões, mais R\$ 7 milhões em investimento, totalizando R\$ 343 milhões em operações vencidas ou que vencerão em 2016”, explica o presidente da instituição, Bento Venturim.

INADIMPLÊNCIA

No Bandes, 75% da carteira de clientes está ligada ao agronegócio, sendo que o índice de inadimplência está em 15% devido à seca. No Sicoob, houve aumento da provisão de crédito, ou seja, a criação de uma re-

serva para prever um eventual crescimento da inadimplência em função da crise econômica e da seca. Apesar disso, a inadimplência na carteira de crédito rural registrou números baixos, 0,44% em agosto. “Temos avaliado caso a caso a situação dos produtores para dar o maior suporte possível”, destaca Venturim.

Mesmo com toda a crise provocada pela seca, o superintendente Estadual do Banco do Brasil, Sadi Luiz Hendges, garante que o banco vai continuar realizando empréstimos, num volume ainda maior, na safra 2016/2017. De julho de 2015 a julho de 2016, o banco fechou 33 mil contratos com valor liberado de R\$ 1,222 bilhão. Para a safra que vai até julho de 2017, a instituição prevê liberar R\$ 1,307 bilhão de crédito aos produtores rurais. “O

banco está aqui há 100 anos. Temos uma parceria muito forte com o produtor rural, não só no momento que o vento está a favor. Estamos presentes nas horas boas e de dificuldade para preservar nossos negócios e nossos clientes”, destaca Sadi.

No Sicoob, o aumento no volume de crédito para o agronegócio também tem sido pensado como alternativa para melhorar as condições de pagamento dos empréstimos. Responsável pelo segundo maior volume de crédito destinado ao agronegócio no Estado, o banco contabiliza um saldo de R\$ 825,7 milhões em sua carteira de crédito rural e um volume de liberações da ordem de R\$ 252,3 milhões até junho deste ano. O Bandes também aumentou o volume de recursos destinados ao campo. “Nós já temos R\$ R\$ 92 milhões no setor rural em 2016”, pontua Aroldo.

SECA NO ES

CRISE PROVOCADA PELA SECA AFETA COMÉRCIO

Baixo desempenho da agricultura reduz circulação de dinheiro no Estado

« A agricultura e o comércio são, em muitas cidades do interior do Espírito Santo, as únicas atividades geradoras de emprego e renda. Se a agricultura vai mal, o comércio também não responde e o dinheiro não circula, aumentando ainda mais o caos social nesses municípios.

Para o presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Espírito Santo (Fecomércio-ES), José Lino Sepulcri, a situação está mais crítica no Norte e Noroeste do Estado, que dependem diretamente do café conilon, como São Gabriel da Palha, Vila Valério, Jaguaré, Sooretama e Rio Bananal. “Esses municípios estão vivendo um caos, com problemas seríssimos. Não existe dinheiro nas cidades, por isso elas precisam de um plano de socorro imediato”, aponta.

Em São Gabriel da Palha, por exemplo, as vendas no comércio já caíram cerca de 40%. Segundo o gerente da Câmara de Dirigentes Lojistas,



MARCELO PREST - 09/08/2016

Situação da seca está mais crítica no Norte, onde setor agrícola deve demorar mais para se recuperar

Clemerson Peruzzo, há muitas lojas fechadas no município e ninguém quer investir enquanto não tem certeza de chuva. “Para diminuir a paradeira, estamos fazendo ações de liquidação no comércio. Nosso polo industrial também está falindo, devido a essa crise toda”, lamenta Clemerson.

O diretor-presidente do Banes, Aroldo Natal Silva Filho, alerta que, em alguns locais do Estado, o setor agrícola deve demorar a se recuperar. “O pé de café está morrendo e o produtor não tem o que fazer. É só esperar a chuva para fazer o replantio das lavouras, mas isso demanda mais tempo, sen-

do um problema mais sério e que vai além da queda na produção. Então, aliado à crise nacional, temos mais esse triste problema, que é a crise hídrica”, lamenta.

De acordo com Bento Venturim, presidente do Sicoob, a crise da água é muito mais complexa e muito mais perceptível do que a crise

econômica nacional. “Na cidade, existe uma repercussão mais forte da situação econômica do país. No interior, entretanto, é a seca que é o problema, o que está na pauta e afetando a vida das pessoas. E na hora que você olha para uma lavoura de café morta, é uma tristeza sem tamanho”, diz.

Caixa vai financiar represa

« O governo estadual fechou um acordo com a Caixa, que vai destinar R\$ 100 milhões para a construção de um reservatório que conseguirá guardar até 20 bilhões de litros de água. A nova represa será construída no Rio Jucu, como informou o governador Paulo Hartung. “Ela vai ajudar a armazenar a água da chuva para os momentos de seca”, assinalou.

Os estudos para a obra estavam programados para 2020, mas foram antecipados em decorrência da grave seca que assola o Estado há três anos. Faz parte da proposta oferecer à iniciativa privada a possibilidade de exploração de usos como o de geração de energia e outros negócios que se mostrarem viáveis para o local.

ENDIVIDAMENTO

25 MIL FAMÍLIAS COM DÍVIDAS

▼ Banco do Brasil

Atualmente, a carteira de crédito rural do banco do Brasil contempla 116,7 mil operações de crédito rural. Com esse montante, o banco atende aproximadamente 100 mil famílias do campo. Ao todo, o BB tem R\$ 4,560 bilhões investidos no agronegócio do Estado.

13 MIL FAMÍLIAS COM DÍVIDAS

▼ Sicoob

Responsável pelo segundo maior volume de crédito destinado ao agronegócio no Estado, o Sicoob contabilizou um saldo de R\$ 825,7 milhões em sua carteira de crédito rural e um volume de liberações da ordem de R\$ 252,3 milhões até junho deste ano. Em 2015, o total



MARCELO PREST - 19/04/2016

emprestado para o agronegócio chegou a R\$ 719,8 milhões. Em 2013 e em 2014, este valor registrou R\$ 510,5 milhões e R\$ 651,6 milhões, respectivamente.

5 MIL FAMÍLIAS COM DÍVIDAS

▼ Banes

Cerca de 75% da carteira de clientes do Banes é ligada ao agronegócio,

com índice de inadimplência batendo na casa dos 15% devido à seca. O Banes faz investimentos de plantio, ampliação de lavoura, construção de galpões e infraestrutura da propriedade. O Banes também aumentou o volume de recursos destinado ao campo. Ao todo, R\$ 92 milhões foram destinados ao setor rural em 2016.